

# JORNALISMO LITERÁRIO, OUTRA FORMA DE FAZER NOTÍCIA

Gabriela dos Santos Camargo <sup>1</sup>

Iria Catarina Queiróz Baptista <sup>2</sup>

## Resumo:

Este artigo tem como propósito traçar um paralelo entre a literatura e o jornalismo, buscando abordar o trabalho em conjunto de ambos os gêneros. Como a literatura está cada vez mais presente nos textos jornalísticos, o seu uso ajuda no desenvolvimento das matérias e notícias, tornando-as mais completas e com mais credibilidade. Seu principal objetivo é ajudar a facilitar a compreensão dos leitores e tornar os assuntos abordados nos textos mais atraentes, destacando-os entres os veículos de comunicação.

**Palavras Chave:** Jornalismo; Literatura; Gênero Textual.

## Introdução

Um texto é um conjunto de enunciados que tem como intenção transmitir uma determinada mensagem. Sendo assim, o texto literário utiliza a linguagem literária para despertar o interesse do leitor sobre o assunto abordado. O autor de literatura procura as palavras mais adequadas para expressar as suas ideias de forma cuidadosa, seguindo seu próprio critério e estilo.

Já o texto jornalístico deve expor a notícia como se o leitor não soubesse do que se trata, como se ele não estivesse familiarizado com o acontecimento.

---

<sup>1</sup> Acadêmica da 8ª fase do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Unifacvest. E-mail: [gabriela-scamargo@hotmail.com](mailto:gabriela-scamargo@hotmail.com).

<sup>2</sup> Mestre e doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, jornalista, publicitária e professora do Centro Universitário Unifacvest – Lages/SC.

Exatidão, concisão e clareza são exigências de um bom texto jornalística, como também frases curtas que abriguem ideias claras. O profissional da área deve procurar ser o mais objetivo possível, relatando com fidelidade o que ocorreu. O uso da 3ª pessoa é obrigação, pois é o relato de uma testemunha e não de um personagem.

A veracidade, o realismo é a sua grande força. O mau jornalista é o sofisticado ou o fanático ou o mal informado, ou o divagante ou o vernaculista. Todos eles perdem de vista o objeto, o fato, a realidade, para se perder apenas no modo de o retratar ou nas suas segundas intenções, mais ou menos ocultas. É por isso que um jornalista-polemista tem menos força, embora mais violência, do que um jornalista sereno e objetivo. (LIMA, 1969, p54)

Não existe incompatibilidade entre jornalismo e literatura, pois o parentesco entre os dois pode fazer com que os autores e leitores confundam os dois gêneros, pelo fato de que ambos utilizem como sua principal ferramenta, a escrita. Os escritores que trabalham nas redações jornalísticas nos dias atuais, não são tão numerosos quanto foram no passado. Houve um tempo em que a maioria deles tinha dois caminhos para ganhar a vida: o serviço público e o jornalismo.

A presença de bons ficcionistas nas redações atualmente pode significar um enriquecimento para a atividade jornalística, já que eles trazem uma bagagem adicional de criatividade e de imaginação, de outras leituras e de outros interesses. Contudo, especialmente para aqueles que estão iniciando na carreira agora, há sempre um risco, que pode causar confusão entre os dois canais, ao fazer literatura no jornal ou jornalismo na literatura.

Seria demasiado simples entender essa questão atribuindo exclusivamente à ficção o poder de fazer com que o universo literário seja abarcador de outros discursos. Assim, mais que isso, é por consistir em relatar histórias, em esmiuçar vidas, em (de)flagar batalhas, enfim, por se compor de narrativas nas quais relações sociais, econômicas, psicológicas e outras se encontram, que à literatura é permitida a ocupação desse lugar centra. (RESENDE, 2002, p.58)

Sendo assim, as diferentes formas de escrever para um determinado veículo de comunicação, se torna visível, ainda mais se quisermos acrescentar um pouco de literatura em nossos textos. Cada empresa de comunicação possui um padrão e seu público alvo, por exemplo, no jornal impresso o texto é mais objetivo, simples e curto, na televisão ele tem que ser coloquial, claro e preciso, no rádio, o texto possui

motivação, exemplificação e reiteração, e na revista ele se torna mais criativo e nós podemos nos aprofundar mais no assunto abordado, tornando o texto, de certa forma, literário.

A questão é saber até que ponto o jornalismo pode valer-se da literatura como ferramenta para atrair e fidelizar leitores. Sabe-se que a literatura é mais comum nos livros, sejam eles fictícios ou reais. Mas se repararmos em alguns textos jornalísticos, podemos observar certo caráter literário nele, e é esta combinação, entre jornalismo e literatura que o presente artigo pretende buscar.

## **A Literatura**

Assim como a música, a pintura e a dança, a literatura é considerada uma arte. E através dela podemos ter contato com um conjunto de experiências vividas pelo homem, sem que seja preciso vivê-las. No entanto, a literatura tem como finalidade recriar a realidade a partir da visão de determinado autor, com base em seus sentimentos, ponto de vista e suas técnicas narrativas. O que diferencia a literatura das outras manifestações é a sua matéria-prima, a palavra, que acaba transformando a linguagem utilizada, e seu meio de expressão. Porém, não se pode pensar que literatura é um “texto” publicado em um “livro”, porque nem todo texto e nem todo livro publicado são de caráter literário.

Qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente – Shakespeare, por exemplo –, pode deixar de sê-lo. Qualquer ideia de que o estudo da literatura é o estudo de uma entidade estável e bem definida [...] parte da literatura é ficcional, e parte não é; a literatura pode se preocupar consigo mesma no que tange ao aspecto verbal, mas muito retórica elaborada não é literatura. (EAGLETON, 1994, p.14 e 15)

Em seu artigo, Pinto (2008) afirma que o conceito de literatura é questionado desde sempre, uma vez que se procura conceituar esse gênero de modo convincente e conclusivo. Mas por mais aceitável que possa parecer às tentativas para clarificá-lo, o problema continua aberto e os resultados pouco convincentes. A palavra “literatura” possui diversos significados, o que impossibilita as definições claras e precisas. Para alguns, a literatura é a arte de escrever, para outros, pura ficção, “se tudo aquilo que é habitualmente considerado como literário não é

forçosamente ficcional, inversamente toda ficção não é obrigatoriamente literatura”, (TODOROV, 1980, p.15)

Segundo Oliveira (2008, pg.61) “a origem do vocábulo *literatura* provém do latim ‘littera’ e do grego ‘grammatiké’”. Ambos significam a mesma coisa: letra, o que não esclarece em nada o que possa ser a literatura em si, tornando a linguagem o seu principal material. A literatura acaba sendo, então, uma criação do homem, repleta da herança cultural e ideológica de um determinado grupo linguístico. O estudo da literatura está intimamente ligado à história da civilização. A criação literária se faz presente na tradição técnico-literário, que é uma regra ou estrutura empregada na escrita que pode ser identificada em uma análise da história, e histórico cultural, que está relacionado, simultaneamente, à história e à cultura.

“Se é certo que muitas das obras estudadas como literatura nas instituições acadêmicas foram construídas para serem lidas como literatura, também é certo que muitas não o foram”. (EAGLETON, 1994, p.09).

Sendo assim, o que defini um texto “literário” de outro que não possui essa característica segundo Nicola (1998, p.24), “é a função poética da linguagem que ocorre quando a intenção do emissor está voltada para a própria mensagem, com as palavras carregadas de significado.” Além disso, o autor enfatiza, também, que não somente o aspecto formal é significativo na composição de uma obra literária, como também o seu conteúdo.

Portanto, poderíamos afirmar que a literatura é um discurso “não prático”, ao contrário dos manuais de biologia e recados escritos nos letreiros. Não possui nenhuma finalidade prática imediata, pois ela está referindo-se apenas a um estado geral de coisas. O enfoque na maneira de falar, e não na realidade daquilo que queremos falar, pode ser muitas vezes, considerado como uma indicação do que entendemos por literatura: uma espécie de linguagem auto referencial, uma linguagem que fala de si mesma.

[...] teria sido uma surpresa para George Orwell saber que seus ensaios devem ser lidos como se os tópicos por ele examinados fossem menos importantes do que a maneira pela qual os examinou. Em grande parte daquilo que é classificado com literatura, o valor verídico e o a relevância prática do que é dito é considerado importante para o efeito geral. (EAGLETON, 1994, p.11)

Mesmo que considerarmos o discurso “não prático” como parte do que se entende por “literatura”, essa “definição”, de fato, pode ser não definida. Sua definição vai ficar dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido. Podemos dizer que alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a quem diga que outros têm essa condição imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas sim, o modo pelo qual as pessoas vão considerá-lo. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será de literatura, mesmo que o autor tenha pensado de outra maneira. “Literatura” talvez signifique exatamente o oposto de qualquer tipo de escrita que, por alguma razão, é altamente valorizada.

Em algumas sociedades, “a literatura teve como função ser absolutamente prática, como a função religiosa, a qual só é possível numa sociedade como a nossa, que deixou a literatura ter a grande função de praticidade”, (EAGLETON, 1994, p.13). No entanto, todas as obras literárias, podem ser reescritas, mesmo que inconscientemente, pela sociedade que a lê, pois não há uma releitura de uma obra que não seja, também, uma reescritura. Nenhuma obra pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas, sem que, nesse processo, ela sofra modificações. E essa é uma das razões pelas quais o ato de se classificar algo como literário, é extremamente instável.

Dado o caráter heterogêneo da literatura, torna-se impossível defini-la de forma objetiva visando estabelecer e clarificar o seu conceito [...] Todas as tentativas verificadas dão conta de muitas obras habitualmente consideradas literárias, mas não de todas. (OLIVEIRA, 2008, p.64)

No entanto, não é possível ver a literatura como uma categoria objetiva, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de valores, pois eles têm suas raízes nas estruturas das crenças. Portanto, o que foi mencionado até agora, não é apenas que a literatura possa não existir, e que seus valores históricos são variáveis, mas sim, que esses valores são escritos e definidos com base nas ideologias sociais de determinadas sociedades.

## O Jornalismo

A origem de qualquer prática humana nunca é muito fácil desvendar e com a atividade jornalística não poderia ser diferente. De acordo com Oliveira (2008, pg.66) “alguns historiadores, como Voltaire, tentaram descobrir algumas manifestações jornalísticas já na antiguidade”. Os povos babilônicos, por exemplo, mantinham historiógrafos que descreviam os principais acontecimentos do seu dia a dia. Porém, era tudo muito impreciso, não tinham muito valor. Cabe aos romanos, o título de paternidade do jornal. A Acta Diurna Populi Romani, criada por Júlio César em 69 a.C., já possuía características bem jornalísticas.

Durante a Idade Média as notícias só chegavam ao povo através da poesia e dos cantos dos trovadores e jograis, “o canto era o meio de propagar a notícia” (PIDAL apud RIZZINI, 1977, p.14). Os trovadores tinham como missão fazer a reportagem dos acontecimentos mais ou menos polêmicos da época. Essas informações que eram transmitidas pelos jograis conforme a versão do enredo da corte e das manifestações das ruas, que possuem um efeito que era definido em uma só palavra: a opinião. “Devemos considerá-los um pouco como mercadores de novidades políticas.” (GAUTIER apud RIZZINI, 1977, p.15).

A troca de informações começou a ser valorizada, quando surgiu o comércio entre os povos. Após essa integração, surgiram os primeiros comerciantes de notícias, que atendiam aos interesses dos homens de negócios e de alguns nobres. E foi com o desenvolvimento da civilização moderna, a partir das revoluções comercial e industrial e o crescente interesse pela informação, que o jornalismo foi se desenvolvendo e criando forma.

Da metade do século XIX até às primeiras décadas do século XX o jornalismo tinha ares literários, pois adotava o romance, o conto, a poesia, a crônica, o teatro [...] Além do mais, os escritores da época não conseguiam sobreviver somente do mercado literário, e estavam em sua maioria trabalhando nos jornais [...] O jornal conseguia, através dos seus folhetins, legitimar, por exemplo, a obra literária. (OLIVEIRA, 2008, p.67)

Foi com a modernização da imprensa e com as mudanças que se projetaram na produção econômica e cultural, que o jornalismo começou a exercer a sua atividade especializada na notícia. A literatura que era a sua parceria no jornal fica

de lado, fazendo do caráter jornalístico uma profissão. As definições de jornalismo se articulam, quase sempre, em torno da ideia de verdade.

O compromisso com a verdade pode ser considerado ilusório e inatingível, pois “seria ingenuidade acreditar que, ao vestirem a armadura de jornalistas, eles se desfaçam de suas paixões pessoais.” (ROSSI, 1994, p.11). Os juramentos de neutralidade e objetividade caíram por terra, pois todo e qualquer jornalista, ao se colocar a dispor em relatar os fatos reais, estará no fundo apenas relatando a sua própria percepção e opinião. Pois entre o fato e a versão, há a mediação de um jornalista, que carrega consigo uma formação cultural.

De qualquer forma, a objetividade continua sendo um dos principais parâmetros na linha editorial dos principais veículos de comunicação do Brasil. E, nessa busca impossível, introduziu-se a lei de ouvir os dois lados, partindo-se do pressuposto de que, frequentemente, há dois lados opostos numa mesma história. (ROSSI, 1994, s.p)

Quando o jornalista vai redigir um texto e editá-lo, ele acaba tomando uma série de decisões que são subjetivas, pois elas são influenciadas pela posição pessoal, pelos hábitos e pelas emoções de cada profissional da área. Até mesmo a fotografia jornalística capta uma segunda imagem, de modo que um fato, ao sair do real, já perde um pouco a veracidade. Por outro lado, mesmo que aquela notícia seja afastada da sua função, onde sua linguagem está voltada para a evidência do fato, ela representará um corte da realidade, onde a opção por parte do jornalista é silenciar todos os outros aspectos que possam vir a intervir na notícia.

Sendo assim, se todas as definições de jornalismo giram em torno da verdade, Rossi (1994, p.01) sugere que “o jornalismo é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos, leitores, telespectadores ou ouvintes”.

## **O Jornalismo Literário**

O jornalismo é o fato da realidade. A literatura é a realidade somada à ficção. Logo, jornalismo literário é uma mistura de ambos. Ele cumpre a missão de informar, preservando a essência jornalística, porém com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo. Essas três características fazem a ponte que leva o texto ao leitor.

O catecismo da literatura moderna previa ainda a objetividade, a concisão, a simplicidade, a busca pelo antiliterário, a atenção às maneiras e falas locais, a ênfase na ação e no aspecto visível da cena, o abandono do supérfluo e das palavras difíceis. A proposta era escrever de forma simples, que pudesse ser compreendida imediatamente por qualquer um. Nada que soasse estranho a um jornalista de hoje. (COSTA, 2005, p102)

Mas para que o jornalismo literário seja compreendido de fato, é preciso realizar uma análise do que é jornalismo de fato e do que é jornalismo com influência literária. No primeiro caso, como todos nós já sabemos, a prioridade é em relação à informação básica, essencial, fundamental que cause a compreensão do que se quer noticiar. Variáveis como prazo e espaço disponível pressionam o profissional e o próprio veículo de mídia impressa a “enxugar” texto e tempo para que a informação se adeque à necessidade do leitor e cumpra sua missão primordial de informar.

Já o jornalismo literário traz consigo não só uma notícia, mas também uma história. A informação ganha companhia de adjetivos, personagens, enredos, histórico do assunto e contextualização que não teriam oportunidade de ganhar vida no cotidiano jornalístico. Este estilo de informar tem aspectos que o tornam, sem exageros, nobre perante outras formas de veiculação de notícia impressa. Por suas particularidades, exige talento, dedicação e grande capacidade de empatia por parte de quem o pratica, afinal a humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo.

[...] defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata de dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de uma melodia. (PENA, 2006, p21)

Sendo assim, o jornalismo literário deixa as informações mais completas, somadas a uma boa narrativa escrita, que proporciona ao leitor uma visão mais ampla do acontecimento. Nesse contexto, o texto jornalístico que possui esse gênero vai além da abrangência dos fatos e ultrapassa os limites das informações. Para identificá-lo, as características apontadas por alguns pesquisadores se tornam



relevantes. Pena (2008, p. 13) aponta algumas características que ele convencionou chamar “estrela de sete pontas”. Segundo Pena, qualquer uma dessas características utilizadas no texto já faz parte do jornalismo literário.

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2008, p.13).

Esse conceito de jornalismo, não faz com que o profissional tenha que fugir do cotidiano corrido das redações ou deixar de exercitar seu lado literário em algum livro-reportagem. O conceito é bem mais amplo. Pois, o jornalista literário utiliza o que aprendeu no jornalismo diário a seu favor, bem como as suas técnicas narrativas. Desenvolvê-las, fazendo com que elas se tornem novas estratégias profissionais, a principal sacada deste profissional. Os velhos e bons princípios da redação, sempre continuam sendo importantes. A apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas, sempre serão fundamentais no desenvolvimento de uma boa matéria.

[...] o estilo é o grande diferenciador dos leitores construídos pelo texto jornalístico e pelo texto literário: enquanto o estilo literário é o espaço da incerteza de ‘brancos’ que o leitor deve preencher [...] na imprensa, é trabalho do jornalista a colmatação das brechas possíveis (RESENDE, 2002, p.40)

Essa nova maneira de transmitir determinada informação faz com que o jornalista rompa duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não precisará mais ficar enjaulado pelo deadline, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, momento em que devemos entregar a reportagem. E muito menos se preocupa com a novidade, com o desejo do leitor de consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. Seu dever é ultrapassar estes limites e proporcionar uma visão ampla da realidade. Sua maior preocupação acaba se tornando a contextualização da informação, da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no pouco espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las num curto espaço de tempo.

Exercitar a cidadania é um conceito tão comum que parece esquecido. Tão mal utilizado por quem não tem nenhum compromisso com ele que caiu em esquecimento. Mas não podemos ignorá-lo. É nosso dever, nosso compromisso com a sociedade. Quando escolhemos um tema, devemos pensar em como essa abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum de uma sociedade, bem como para a solidariedade. Isso pode parecer clichê, mas não é. Chama-se espírito público.

Outra característica do jornalismo literário é romper as correntes do lead. Para quem não sabe, o lead é uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século passado com o intuito de conferir objetividade à imprensa. Segundo Pena apud Lippman, autor do célebre *Public Opinion* (1922), tal estratégia possibilitou uma certa padronização nas páginas dos jornais, amenizando a influência da subjetividade através de um recurso muito simples. Logo no primeiro parágrafo de uma reportagem, o texto deveria responder a seis questões básicas do lead: Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê? Essa fórmula tornou a imprensa mais ágil e menos prolixa, embora a subjetividade não tenha diminuído. A opinião ostensiva foi apenas substituída por aspas previamente definidas e dissimuladas no interior da fórmula. E a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa.

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2008, p.13).

Evitar alguns definidores primários também é fundamental para quem quer entrar nesse novo campo do jornalismo. Eles são os famosos entrevistados de plantão. Aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa. Lembrando que são fontes oficiais, os governadores, os ministros, os advogados, os psicólogos, entre outros. Como não se tem tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar outras alternativas e ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados, escutados e mencionados nas matérias jornalísticas. Eles

são de grande ajuda no desenvolvimento dos nossos textos, pois são eles que vão nos ajudar a montar todo o enredo de um determinado fato.

Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser passageira ou superficial. Diferente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistemática do enredo, levando em consideração que a realidade possui multifaces, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação.

No Brasil o jornalismo literário pode ser classificado de diferentes maneiras. Para alguns autores, como Felipe Pena, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como new journalism, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E há também, aqueles que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística como forma de jornalismo literário.

## **Conclusão**

O uso da literatura nos textos jornalísticos está se tornando cada vez mais comum nas redações, pois utilizar a literatura para incrementar uma notícia ou matéria, faz com que o assunto abordado se torne mais interessante aos olhos do leitor.

Sendo assim, é fácil notar esse estilo de fazer jornalismo, mais conhecido como jornalismo literário, nas páginas das revistas. Nelas encontramos um determinado assunto, que durante um tempo foi bastante comentado, bem mais explorado, com muito mais informação. E é exatamente, esse “excesso” de informação que é transmitido para quem a lê, que torna o veículo de comunicação em questão, bem mais comentado, com mais credibilidade.

A função do jornalismo, bem como da literatura, ficou bem claro nas páginas deste artigo. Sabe-se que a escrita e o uso das palavras, é a principal ferramenta de ambos. E é por isso que existe a importância de mesclar essas duas classificações

linguísticas, para que cada vez mais, os profissionais de jornalismo melhorem e aperfeiçoarem melhor os seus textos jornalísticos.

### **Referências Bibliográficas**

COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como Gênero Literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 1998.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Rio de Janeiro, 2008.

PINTO, Márcia de Oliveira. **O jornalismo como gênero literário**. Rio Grande do Norte, 2008.

RESENDE, Fernando. **Textuações: Ficção e Fato no Novo Jornalismo de Tom Wolfe**. São Paulo: Annablume, 2002.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?** São Paulo: Brasiliense, 1980.

TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética**. São Paulo: Cultrix, 1973.